

A história sul mato-grossense na vida e obra de Visconde de Taunay

por Ailton Barbosa Júnior - ailton.barbosa@ufms.br

I – As contingências históricas e o nascimento de Mato Grosso do Sul

A história de Mato Grosso do Sul começa, oficialmente, em 11 de outubro de 1977, com a promulgação da Lei Complementar nº 31 pelo presidente Ernesto Geisel. A lei desmembrou a parte sul do vasto estado de Mato Grosso, criando assim o novo ente da federação brasileira cuja capital é Campo Grande. Esse foi o desfecho feliz do longo processo de exploração, conquista e defesa do território central brasileiro desde a descoberta da América, em 1492, por Cristóvão Colombo, seguido da chegada de Pedro Álvares Cabral à “Terra de Vera Cruz”, a 22 de abril de 1500.

A entrada de espanhóis e portugueses na América desencadeou uma nova etapa na história da humanidade. Às tribos ameríndias do Brasil e às avançadas civilizações inca, maia e asteca, somou-se a presença dos ávidos europeus ante o novo continente que se lhes descortinava. Das caravelas desembarcaram homens cuja missão era a difusão da palavra de Deus e a expansão dos domínios de suas Coroas.

A colonização portuguesa começou no litoral brasileiro e seguiu para o oeste, enquanto que a espanhola se iniciou na América Central (Antilhas e México) e rumou às terras do sul (Venezuela, Peru, Paraguai, Argentina, Bolívia, Chile e Equador). Não eram tempos de confortável paz nas américas, pois o elemento invasor era um perigo real para todos os seus habitantes. Os recém-chegados portugueses tiveram que se defender de franceses, holandeses e ingleses durante as primeiras décadas de colonização; assim como, no século XVII, as reduções jesuítas espanholas (localizadas na região que atualmente compreende os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul) sofreram a investida dos bandeirantes brasileiros. No meio dessa disputa entre Portugal e Espanha, de pouco em pouco caíam as civilizações inca, maia e asteca; não restando

melhor sorte às tribos que viviam dispersas pelo Brasil, na mata atlântica, no cerrado, no pantanal ou na floresta amazônica.

Antes da metade do século XVI, boa parte da América do Sul já havia sido percorrida e conquistada pelos espanhóis, a notar pela data de fundação das principais cidades do continente: Lima (fundada em 1535), La Paz (fundada em 1551), Santa Cruz de la Sierra (fundada em 1560) Cochabamba (fundada em 1572) e Buenos Aires (fundada em 1536, abandonada cinco anos depois, e reconstruída em 1580 por Pedro de Mendonça). Já no Brasil, a penetração com fins de colonização às terras de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ocorreu cerca de 200 anos depois.

Quando, no século XVII, os bandeirantes brasileiros empreenderam avanço aos rincões de Mato Grosso, tinham como alvo o ouro e a captura de índios catequizados nas *reduções jesuítas espanholas*, na região entre os rios Apa e Paraguai [1]. Esses aldeamentos, erguidos pelos jesuítas em 1631, sofreram ataques a partir de 1633, e ao final de cinco anos os bandeirantes tinham 15 mil novos escravos para o trabalho nas lavouras paulistas. O ouro, descoberto em 1718, impulsionou definitivamente o povoamento de Mato Grosso, tanto que, no ano seguinte, o bandeirante Pascoal Moreira Cabral Leme fundaria o Arraial da Forquilha (Cuiabá). A promessa da riqueza atraiu rotas comerciais para essa região inexplorada do Brasil, e assim foram criadas as freguesias e vilas ao longo do caminho que chegava a Cuiabá, vindo de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Essas rotas eram extensas e penosas, impunham a travessia de matas e a navegação por rios, lançando os aventureiros ao perigo de doenças e confrontos com os gentios. Os povoados brasileiros mais antigos da fronteira e centro-oeste compreendem as atuais cidades de Corumbá (fundada em 1778), Miranda (fundada em 1797), Nioaque (fundada por volta de 1854), Coxim (iniciada em 1729 como Arraial do Belião) e Paranaíba (iniciada em 1833 e elevada à categoria de vila em 1857).

Com o recuo espanhol ante a ofensiva dos bandeirantes, tornaram-se vulneráveis os campos da região de fronteira entre Brasil e Paraguai, acentuando, no decorrer do tempo, dúvidas acerca de limites. Essa indefinição fronteiriça atravessou os séculos, e somente com a morte de Solano López e o fim da Guerra do Paraguai, em 1870, é que o contorno do mapa nacional, na fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, ficou estabelecido tal qual o

conhecemos hoje. Pois neste importante episódio da história, a Guerra da Tríplice Aliança, participou um brasileiro de nome Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, do qual trataremos mais adiante.

Distante da capital do Império, a imensa Província de Mato Grosso desenvolveu-se lentamente, a duras penas. O isolamento e a dificuldade de comunicação com o Rio de Janeiro exigiram a construção de uma estrada que ligasse Cuiabá a Piracicaba, cortando os sertões do leste mato-grossense até a nascente do rio Paraná, pois os caminhos pelos rios Verde, Anhanduí e Coxim eram longos e dispendiosos [2]. Enquanto isso, por volta de 1830, famílias de imigrantes mineiros e paulistas começavam a ocupação dos campos ao sul da Província, em posses e fazendas cujos limites estavam “a perder de vista”. Numa região desprovida de metais preciosos ou de qualquer promessa de fortuna rápida, a economia assentou-se inicialmente na criação de gado e na lavoura de subsistência, e posteriormente desdobrou-se no cultivo da erva-mate, e por fim no comércio internacional através do rio Paraguai. Foi assim o início e as primeiras décadas do desenvolvimento do sul mato-grossense.

Com o passar dos anos, as diferenças culturais, econômicas, geográficas e políticas entre o norte e o sul tornaram-se mais acentuadas. Em 1932 foi criado no Rio de Janeiro a “Liga Sul-mato-grossense”, uma agremiação de políticos, profissionais liberais e estudantes com o objetivo de desmembrar a parte sul de Mato Grosso para a criação de uma nova unidade da federação. Esse movimento evocava antigos projetos a respeito da divisão territorial do Brasil, presentes em nossa história desde a constituinte de 1823. A proposta continuou sendo discutida e articulada por mais de quarenta anos, até a decisão de 11 de outubro do presidente Geisel que criou oficialmente o estado de Mato Grosso do Sul. Dentre as justificativas para o surgimento do novo ente federativo, Armando Falcão (ministro de estado da Justiça), João Paulo dos Reis Veloso (secretário de planejamento da Presidência da República) e Mauricio Rangel Reis (ministro do Interior) apontavam:

“De há muito vem sendo sugerida a criação da nova Unidade da Federação, pelo desmembramento desse grande estado do Centro-Oeste do país. Razões diversas, de ordem

econômica, geográfica, política e administrativa justificam a divisão do estado de Mato Grosso.

A região sul do estado apresenta excepcionais condições de desenvolvimento a curto prazo, em decorrência de vantagens de localização, integrada aos corredores de exportação da área de São Paulo e Paraná, e de suas potencialidades, em especial no setor agropecuário. ”

II – Paranaíba, o início

O surgimento da cidade de Paranaíba é obra das diversas famílias que transpuseram os limites de São Paulo e Minas Gerais com o objetivo de fixarem-se na região dos vastos campos do sertão mato-grossense. Lideradas pelo capitão José Garcia Leal, as primeiras explorações naquele território ocorreram em julho de 1829, e a partir daí os pioneiros começaram a marcar posses e fazendas próximo aos rios que banham a costa leste de Mato Grosso do Sul, desde o Paranaíba até o alto do Sucuriú, próximo a Costa Rica-MS. Em seguida, outros imigrantes partiram para o oeste, fixando-se nos campos da Vacaria, na atual região de Dourados.

Segundo uma nota do dr. Mario Monteiro de Almeida, no tomo XI e XII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso,

“Os Garcias¹ foram induzidos a organizar bandeiras de descobrimento de terras, a fazer posses e montar fazendas nas terras mato-grossenses de Sant’Anna pelas informações que lhes prestaram índios caiapós, descrevendo, talvez com o exagero indígena costumeiro, a propriedade ali das terras de Mato Grosso, para exploração agrícola. Os Garcias entraram em contato com troços de índios caiapós na própria zona de sua posse ‘Monte Alto’, em Minas (...)”

¹ Trata-se dos irmãos José, João Pedro, Joaquim e Januário Garcia Leal

A primeira posse fundada pelo capitão José Garcia Leal nos campos de Mato Grosso foi a posse dos “Coqueiros”, localizada às margens do rio Santana, afluente do Paranaíba.

Devido ao enorme fluxo de imigrantes que vinham para a região, tornou-se necessária a fundação de um povoado que serviria como ponto de apoio às famílias e exploradores que chegavam. Este novo arraial começou a ser levantado entre 1833 e 1834, em terreno doado por João Alves dos Santos. Estima-se que, em 1836, havia aproximadamente 30 casas, e provavelmente algum depósito de um incipiente comércio, localizados no largo da Igreja de Santana, erguida em 1835.

É fato que, nove anos após as primeiras entradas, o sertão dos Garcias estava amplamente ocupado por mineiros, paulistas, goianos, índios e escravos; tendo na figura do capitão Jose Garcia Leal o incontestável líder. Assim, por ato da Assembleia Legislativa do Mato Grosso, em 19 de abril de 1838, era Santana elevada à categoria de freguesia, dotada de um pároco: o padre Francisco de Sales Souza Fleury.

Com a multiplicação do número de habitantes nas fazendas e no povoado, o comércio se intensifica principalmente com São José do Rio Preto, Uberaba e a fronteira, imprimindo ao pequeno povoado um certo ritmo de desenvolvimento, tornando-o um ponto de passagem obrigatória a quem cruzava o sertão mato-grossense em direção a Cuiabá, pela estrada do Piquiri. Daí que, em 04 de julho de 1857, Santana do Paranaíba era elevada à categoria de vila (município), adquirindo maior autonomia administrativa, e consequentemente maior protagonismo na Província de Mato Grosso.

Em julho de 1867, de regresso ao Rio de Janeiro com a missão de levar notícias da guerra ao Imperador Dom Pedro II, o tenente Alfredo d'Escagnolle Taunay e sua pequena comitiva passam pela vila de Santana, em direção a Minas Gerais. Durante esse percurso de retorno à Corte que o jovem Taunay começou a colher observações da paisagem e dos habitantes daquele distante sertão, com intenção de escrever, futuramente, um romance de ficção. Sabe-se que a pequena tropa pernitoou de 7 para 8 de julho no sobrado do Major Martim Francisco de Melo Taques. Assim é que o autor de *Inocência* descreveu o que viu:

“(...) 800 habitantes mais ou menos, há muitos lustros, o tipo melancólico duma vila em decadência, o silêncio por todos os lados, crianças anêmicas, mulheres descoradas, homens desalentados, eis a vila de Sant’Anna.”

Atualmente, a cidade de Paranaíba conta com aproximadamente 42.000 habitantes, cuja economia continua predominantemente assentada sobre a agropecuária, com um sólido comércio de produtos e serviços, algumas indústrias, e uma vasta classe de funcionários públicos de profissionais liberais de toda sorte. Sendo a cidade mais antiga da parte oriental de Mato Grosso do Sul, foi a partir dela que surgiram as cidades de Cassilândia, Chapadão do Sul, Inocência, Costa Rica, Aparecida do Taboado, Selvíria e Três Lagoas.

III – Genealogia da Família Taunay

A genealogia da Família Taunay remonta a **Antoine-Salomon Taunay**, um ourives nascido por volta de 1700, em Alençon, na França.

Seu filho, **Pierre Henri Taunay** (1728-1781), era químico e pintor de porcelana na *Manufatura Nacional de Sèvres*. Consta que Pierre Taunay desenvolveu uma certa pigmentação cor-de-rosa a qual vendeu à fábrica em que trabalhava.

Em 1755 nascia um profícuo e talentoso pintor de paisagens, **Nicolas-Antoine Taunay** (1755-1830), primeiro Barão de Taunay, filho de Pierre Henri Taunay. Nicolas estudou na *Escola de Belas Artes de Paris* e na *Academia Real de Pintura* (em Roma), e por fim, aos 50 anos, foi selecionado para integrar a Missão Artística Francesa no Brasil. Junto com seus colegas e sob a ordem de Dom João VI, Nicolas Taunay fundou a *Academia Imperial de Belas Artes*, na qual lecionou até seu retorno à França, em 1821. Dentre suas obras, estão ilustrações das campanhas de Napoleão Bonaparte, a Corte e as paisagens brasileiras do início do século XIX.

Félix Émile Taunay (1795-1881), segundo Barão de Taunay, segue a profissão do pai, desdobrando-se também na dedicação às letras. Após o retorno

de Nicolas à terra natal, Félix ocupa o lugar do pai na cátedra de professor de pintura e paisagem na *Academia Imperial de Belas Artes*. Amigo pessoal e conselheiro do imperador D. Pedro II, o Barão ocupava uma importante posição na aristocracia do Império brasileiro. Casou-se com Gabriela Hermínia de Robert d'Escragnolle, filha do Conde d'Escragnolle.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay [3], nasceu na madrugada de 22 de fevereiro de 1843. Filho de Félix Emile Taunay e Gabriela d'Escragnolle, desde a infância recebeu uma excelente educação, que o preparou para os desafios que surgiriam no futuro. Aos 15 anos formou-se Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II, e em 1859 matriculou-se no curso de Ciências Físicas e Matemáticas na Escola Militar. Quando cursava o penúltimo ano do curso de engenharia militar, arrebentou a Guerra do Paraguai, e logo Taunay foi impelido, junto a um incipiente destacamento brasileiro, ao sul de Mato Grosso, recém invadido pelas tropas do ditador Francisco Solano López. Dotado de aguçada memória e uma esmerada habilidade com as letras, Visconde de Taunay deixou registrado importantes relatos e diários da Guerra do Paraguai, bem como observações fiéis da paisagem e dos habitantes sul mato-grossenses. Suas principais obras literárias, *A Retirada da Laguna* e *Inocência*, são documentos essenciais ao pesquisador da história de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Junto a Machado de Assis, Taunay é membro-fundador da *Academia Brasileira de Letras*.

Posteriormente aos anos de guerra e de professor na Escola Militar, em sua carreira política pelo Partido Conservador, Visconde de Taunay atuou como deputado por Goiás, foi deputado e senador por Santa Catarina, além de presidente das províncias do Paraná e Santa Catarina. Dentre suas atuações políticas, destaca-se a luta pela abolição da escravatura e o projeto de colonização do sul do Brasil por imigrantes europeus.

Monarquista fiel e súdito obediente do Imperador D. Pedro II, em seus últimos anos de vida Visconde de Taunay assistiu desgostoso a aventura republicana que o país iniciava a partir do golpe militar de 15 de novembro de 1889. Em seu livro de *Memórias*, Taunay apresenta-nos o seguinte desfecho:

“Fiquei sendo o que era e sempre fui, profundo admirador da monarquia que o Sr. D. Pedro II fundara no Brasil

e por cinquenta anos sustentara, fazendo deste País um Império único no mundo – muita grandeza moral, esperanças imensas, emolduradas por natureza inexcedivelmente bela! ”

A saúde dispensada no exercício da guerra cobrou o seu preço, e em 25 de janeiro de 1899, às 11 horas da noite, veio o Visconde a falecer no Rio de Janeiro, às vésperas de completar 56 anos de idade. Era casado com D. Cristina Teixeira Leite. Seu filho, Afonso d'Escagnolle Taunay, seguiu a vocação paterna nas letras, e destacou-se como importante pesquisador, historiador e tradutor brasileiro.

IV – A Retirada da Laguna

Um dos episódios mais heroicos da Guerra do Paraguai, dado o drama e a dificuldade enfrentada pelas tropas brasileiras, foi a Retirada da Laguna [4]. Nesta campanha, liderada inicialmente pelo Coronel Carlos de Morais Camisão e sucedido pelo Major José Tomás Gonçalves, os desventurados soldados foram conduzidos ao avanço em território inimigo, sem estrutura de cavalaria, numa região de difícil locomoção, repleta de rios, pântanos e campos de macegas. Enquanto o exército paraguaio atraía a coluna brasileira para a fronteira com o rio Apa, a inconstância no abastecimento resultou na escassez de víveres às tropas do coronel Camisão. Agravando esta situação, doenças como o beribéri e a cólera passaram a assombrar o insalubre acampamento brasileiro.

A certa altura da campanha, o comandante Camisão determinou que seus homens deveriam marchar até a fazenda Laguna, propriedade de Solano López, a fim de estabelecer acampamento. A decisão de avançar foi tomada com base em informações que garantiam que a tal fazenda possuía um grande rebanho de gado, o que reabasteceria a coluna brasileira, colocando-a finalmente em condições favoráveis de marcar posição em território paraguaio.

Em 1º de maio a Força Expedicionária chega à fazenda Laguna, porém os paraguaios haviam se deslocado de lá, levando consigo a maior parte do rebanho. O pouco que restou de víveres não era suficiente para o abastecimento dos que ali chegavam, obrigando os brasileiros a baterem em retirada no dia 08.

Sob constante ataque paraguaio, e em meio a dolorosas provações, a Força Expedicionária recuou trinta e nove léguas em penosos trinta e cinco dias, sob constante ofensa inimiga. A retirada teve fim em 11 de junho de 1867. O malfadado exército, que havia partido de Miranda rumo à fronteira com 1680 homens, retornava a Porto Canuto com 700 infelizes soldados. Visconde de Taunay foi um desses sobreviventes.

O testemunho pelo que passou a tropa brasileira, bem como as contingências que determinaram as tomadas de decisão do comando da coluna, encontram-se publicados no livro *A Retirada da Laguna*, lançado em 1871. Segundo o próprio autor, “obra da constância e da disciplina”.

V – A gênese de *Inocência*

Após a Força Expedicionária chegar a Porto Canuto, a 11 de junho de 1867, o Tenente-engenheiro Alfredo Taunay recebeu ordem de regressar à Corte com a missão de dar notícias da campanha ao ministro da guerra e ao gabinete imperial. Taunay partiu no dia 17, tendo como companhia o camarada Jatobá, o Alferes João Luís do Prado, o técnico dos canhões La Hitte, Francisco Wandewort, e mais três soldados. Estes últimos tiveram de seguir caminho a pé, pois os cavalos e mulas naqueles tempos de guerra eram demasiadamente escassos.

Como de costume, durante o caminho de regresso, fez Taunay anotações e apontamentos de sua viagem de retorno ao Rio de Janeiro. Essas valiosas observações estão presentes nas obras *Viagens de Outrora* e *Memórias*.

Neste trajeto de retorno [5], o grupo liderado por Taunay partiu de Canuto para Campo Grande, depois seguiu para as ruínas da antiga fazenda Camapuã. Daí, alcançaram o alto do rio Sucuriú em 1º de julho, apontando para a pequena vila de Santana do Paranaíba através da Estrada do Piquiri. Após passarem pela fazenda de um tal Manuel Coelho, no dia seguinte os soldados foram recebidos na fazenda de João Pedro Garcia Leal, pioneiro e irmão do fundador de Paranaíba, José Garcia Leal. Nesta parada, um acontecimento merece ser destacado.

Ali, naquela fazenda a cerca de 50 quilômetros da vila, uma farta refeição aguardava a pequena comitiva. Logo depois do almoço, surgiu uma moça de beleza estonteante e lhes serviu o café. Tratava-se de Jacinta Garcia, neta de João Garcia. Taunay ficou tão impressionado com a beleza de Jacinta, que posteriormente a transformou na protagonista de seu livro de maior sucesso: *Inocência*, lançado em 1872.

Esse fortuito encontro aconteceu no dia 04 de julho de 1867, exatamente 10 anos após a freguesia de Santana do Paranaíba ser elevada à categoria de vila, pelo presidente Couto Magalhães. Em *Memórias*, Taunay faz a seguinte descrição de Jacinta Garcia:

(...) uma moça, na primeira flor dos anos, e tão formosa, tão resplandecente de beleza, que fiquei pasmado, enleado, positivamente de boca aberta. (...) E com os olhos embelezados, segui todos os gestos daquela excepcional sertaneja, que não se mostrava lá muito acanhada.

Porém, a moça tão jovem estava condenada à morte, pois possuía os sinais da terrível lepra. Mais adiante, Taunay escreve:

“A esta hora, passados tantos anos, que será feito da infeliz Jacinta, cujo desabrochar na vida se rodeara de tanta magia?! Ó poder da beleza! No momento em que escrevo este nome, reproduzo em imaginação aquela fisionomia doce, suave, sedutora, aquela cútis acetinada e alva, os olhos aveludados, grandes, cintilantes, o nariz de inexcelável correção quer de frente, quer de perfil, os lábios purpurinos a deixarem entrever dentes deslumbrantes!...Que admirável conjunto, minutos apenas contemplado e entretanto para sempre fixado na memória!

Jacinta Garcia deu, pois, nascimento moral a *Inocência*. “

É provável que Jacinta Garcia tenha morrido sem jamais ter conhecimento do romance a que serviu de inspiração, sendo que as únicas informações a seu

respeito são aquelas descritas por Taunay. Até hoje não foi encontrado nenhum documento sobre sua data de nascimento, batizado, quando contraiu matrimônio ou se teve filhos.

A história de Jacinta Garcia continua sendo um belo mistério a pesquisadores e artistas. Tanto que, desde 2007, em Mato Grosso do Sul comemora-se em 04 de julho o *Dia de Inocência*, de acordo com a lei nº 3.390 sancionada pelo governador André Puccinelli. Esta mesma lei, em seu artigo primeiro, declarou *Inocência* o romance-símbolo do estado sul mato-grossense.

VI – O romance

Considerado um dos principais romances brasileiros do período Romântico, *Inocência* é a obra-prima de Visconde de Taunay. Desde seu lançamento, despertou grande interesse no Brasil e no exterior, recebendo traduções, ainda no século XIX, para o francês, inglês, espanhol, alemão, italiano e japonês.

Nesta obra, Taunay condensa sua experiência na viagem de retorno ao Rio de Janeiro, retratando os costumes do habitante sertanejo, e as características do ambiente natural do sul de Mato Grosso. Por onde passou, Taunay colheu observações que serviram de material para a composição do romance. Não apenas *Inocência*, mas outros personagens também foram inspirados em pessoas que Taunay conheceu neste trajeto pela Estrada do Piquiri. Por isso, *Inocência* é um patrimônio cultural muito valioso para Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, pois além de sua contribuição à literatura mundial, a obra é um valioso testemunho das raízes da cidade de Paranaíba.

A história do romance se inicia num dia “claro, sereno e fresco”, em 15 de julho 1860, num determinado ponto da estrada “que da vila de Sant’Ana do Paranaíba vai ter ao sítio abandonado de Camapuã”, “a sete boas léguas da sazonal e decadente vila de Sant’Ana do Paranaíba”.

Trata-se de uma história de amor com final trágico envolvendo o jovem “médico” Cirino de Campos e a moça de “beleza deslumbrante” Inocência, que está de casamento marcado com o rude tropeiro Manecão Doca.

O elemento da narrativa que leva o “médico” ao quarto da convalescente é uma *febre sezão* que a moça contraiu numa visita recente à vila de Santana do Paranaíba. Cirino diagnostica o mal, e numa ocasião em que deve ministrar o remédio a Inocência, apaixonam-se num breve olhar.

O casal apaixonado vê suas esperanças frustradas diante da intransigência de Martinho dos Santos Pereira, pai de Inocência. O cuidado que possui pela linda filha, aliado ao rigor moral com que o mineiro mantém sua palavra, não permitirão àquele homem desconfiado que se desfaça o combinado do matrimônio de Inocência, a ser realizado logo que Manecão retornar de sua viagem boiadeira. O enredo ganha contornos de tragicomédia com a chegada do naturalista alemão Guilherme Tembel Meyer e seu ajudante estabonado José Pinho, o Juca. Meyer, doutor em filosofia pela Universidade de Iena, está em viagem ao Brasil pesquisando e colhendo novos exemplares de insetos e borboletas. Seu jeito falastrão incomoda Pereira a partir do momento em que este lhe apresenta Inocência. Surpreso com a beleza daquela sertaneja, Meyer desdobra-se em abundantes e inocentes elogios, mas sem atinar para a tensa situação que suas palavras desencadeariam. Com efeito, a atenção e o ciúme do pai da moça se volta para o alemão, pois Pereira acredita que Meyer está mal-intencionado. Porém, a presença do naturalista impede Pereira de enxergar que quem está morrendo de paixão por sua filha é o médico Cirino, que a essa altura mantém encontros secretos com Inocência, durante a madrugada.

Um paralelo entre a vida real e a ficção se faz presente no livro. Assim como Taunay eternizou Jacinta Garcia como a heroína de sua obra-prima, no romance o nome de Inocência é imortalizado quando Meyer descobre um novo gênero de borboleta. A esse novo exemplar, o naturalista batizou de *Papilio Innocentia*. Pela relevante descoberta científica, Guilherme Tembel é recebido posteriormente numa sessão extraordinária e solene da Sociedade Geral Entomológica, na cidade de Magdeburgo, na Alemanha.

Essa história de amor entre Inocência e Cirino, cujo desfecho trágico faz brotar no leitor uma piedade pungente pelos protagonistas, está organizada em 30 capítulos e um epílogo muito bem escritos. Todas essas partes possuem epígrafes com referências a obras da Alta Cultura (Cervantes, Shakespeare, As Sagradas Escrituras, Molière, Menandro, Beethoven, Walter Scott, Ovídio entre outros).

VII – Comentário final

A *Retirada da Laguna* e *Inocência*, as principais obras de Visconde de Taunay, têm origem na própria experiência vivenciada pelo autor. Em 1867, quando empreendeu a viagem de retorno à Corte, possuía Taunay 24 anos.

A *Retirada da Laguna* possui inestimável valor histórico pela clareza, objetividade e fidelidade com que Taunay registrou os fatos ocorridos; enquanto que *Inocência* é uma preciosidade da cultura universal por retratar as origens do sertanejo sul mato-grossense, de modo que toda a atmosfera e o cenário da “sezonática e decadente vila de Sant’Ana do Paranaíba” de 1867 brotam do texto e se apresentam naturalmente ao leitor. Estão ali registrados o homem sertanejo, sua casa modesta, seu jeito de falar e sua culinária, representando o arquétipo do colonizador, com sua psicologia peculiar, de quem vive isolado da cidade, em meio ao imenso e perigoso sertão verde de campos e cerrado. Há também belos trechos de descrição da paisagem e dos animais, observado por um narrador de olhos atentos e cheios de admiração.

É provável que Taunay jamais teria escrito essas obras se não tivesse estudado com afinco desde os seus primeiros anos, a começar pela instrução e gosto pelas artes que recebeu de seus pais. Félix Émile e Gabriela d’Escragnolle prepararam com esmero o filho para a vida, de modo que aos 12 anos Alfredo Taunay já dominava o alemão, o francês, o grego e o latim.

Uma pergunta pertinente a quem observa a vida e a obra de Visconde de Taunay é: que educação ele recebeu para que, mesmo tão jovem e inexperiente, pudesse criar obra de tal valor artístico e literário? O caminho para a resposta encontra-se no artigo 3º do antigo estatuto do Colégio Pedro II [6]. A partir dele conclui-se que a principal escola brasileira do Império seguia a metodologia da Educação Clássica, pois na grade de disciplinas estavam presentes, com exceção da música, os conteúdos das Sete Artes Liberais² do *Trivium* (gramática, a lógica, a retórica) e do *Quadrivium* (aritmética, geometria, música e cosmologia). O primeiro inclui os aspectos ligados à mente, enquanto que o

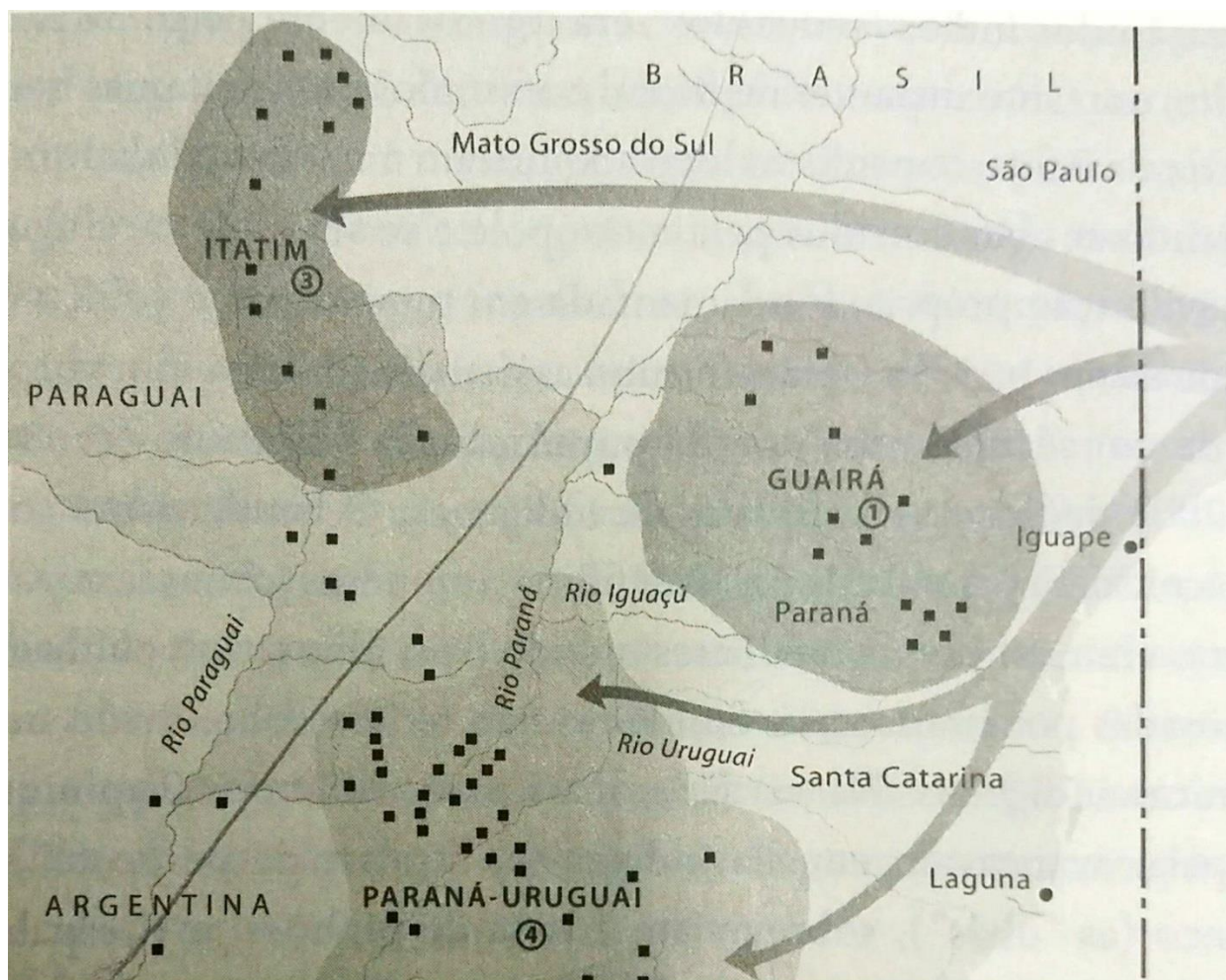
² Em português, há uma ótima edição do *Trivium* da Irmã Miriam Joseph, e uma do *Quadrivium*, organizado por John Martineau.

segundo labora os aspectos pertinentes à matéria. É sabido que o domínio daqueles conteúdos do conhecimento concorre para o aperfeiçoamento do intelecto, pois capacita o estudante a perceber a natureza, e posteriormente criar e combinar símbolos, apresentando-os de maneira clara em forma de texto ou discurso oral.

Pela trajetória de vida e o legado deixado, é possível entender que o conjunto de habilidades contido nas Sete Artes Liberais obteve êxito ao encontrar na alma de Taunay um genuíno e irrefreável desejo pelo conhecimento. Pois foi munido do domínio da linguagem, de alto senso estético e de uma aguçada percepção imediata da realidade, que o Visconde de Taunay produziu considerável obra literária, sobre a qual muitos estudiosos se debruçam hoje. Por isso seu nome está imortalizado por todo o país, pois é justa a homenagem àquelas personalidades que dedicaram o melhor de seu espírito à *verdadeira* vida intelectual, na certeza de contribuírem para a memória de seu povo e a grandeza de seu país.

VIII - Apêndices

[1]



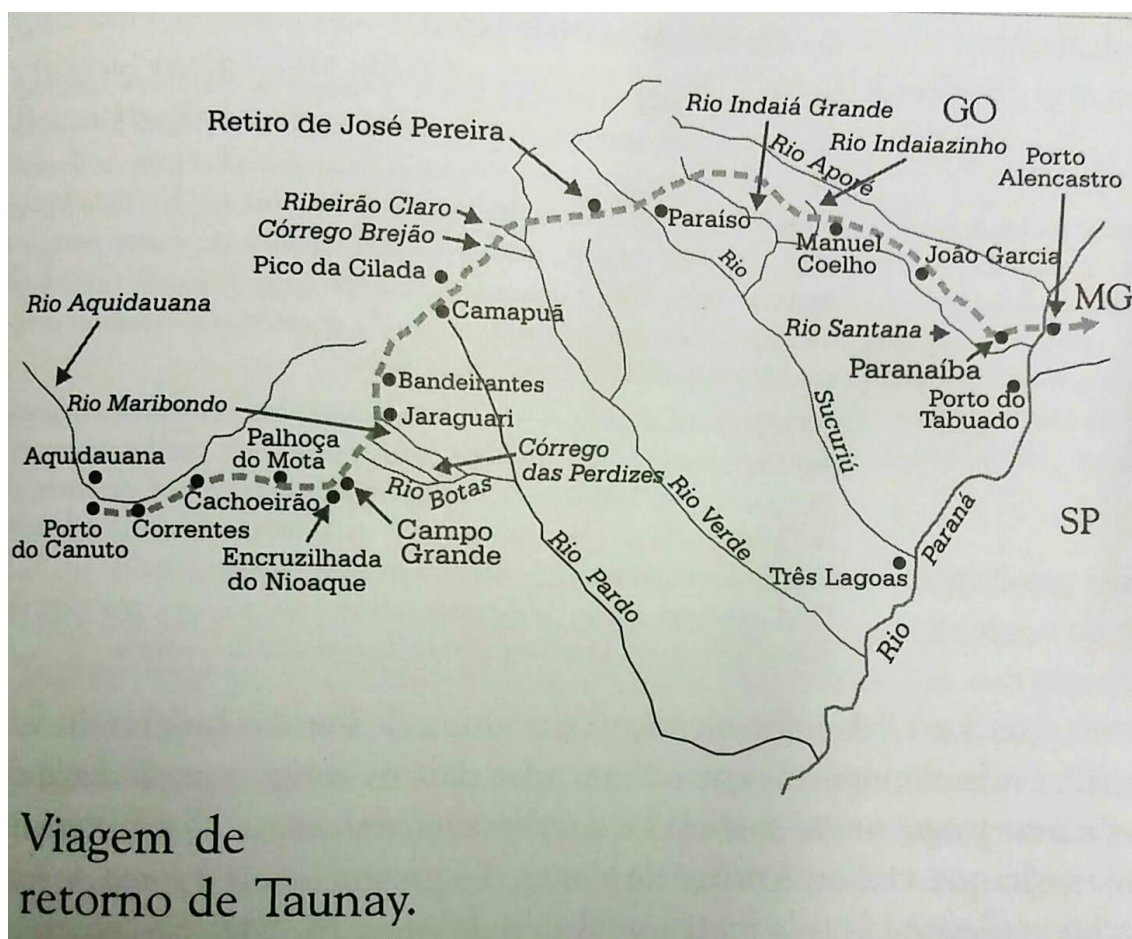
Os ■ representam as reduções jesuítas espanholas, e as setas correspondem ao movimento do avanço dos bandeirantes.

A black and white portrait of a man with curly hair and a mustache, wearing a dark suit and a white shirt with a dark bow tie. The portrait is set within an oval frame.

[4]



[5]



[6]

Art. 3.º Neste collegio serão ensinadas as linguas latina, grega, franceza e ingleza; rhetorica e os principios elementares de geographia, historia, philosophia, zoologia, meneralogia, botanica, chimica, physica, arithmetica, algebra, geometria e astronomia.

Decreto de 2 de dezembro de 1837

VIII – Referências bibliográficas

BUENO, Eduardo. Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

CAMPESTRINI, Hildebrando; **GUIMARÃES**, Acyr Vaz. História de Mato Grosso do Sul, 5ª edição, ver e ampl. Campo Grande-MS : Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

_____, Hildebrando. Santana do Paranaíba: de 1700 a 2002, 2ª edição. Campo Grande-MS: Editora Gibim, 2002.

CORRÊA, Lúcia Salsa. História e fronteira: o sul de Mato Grosso: 1870-1920, 2ª edição – Campo Grande: Editora UFMS, 2012.

DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FAUSTINO, Marcos. Águas Atávicas. Campo Grande: Instituto histórico e geográfico de Mato Grosso do Sul, 2013.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, 50ª edição. São Paulo, Global, 2005.

JOSEPH, Miriam. O Trivium: as artes liberais da lógica, gramática e retórica; tradução e adaptação de Henrique Paul Dmyterko. São Paulo, É Realizações, 2008.

MORTINEAU, John. Quadrivium: as quatro artes liberais clássicas da aritmética, da geometria, da música e da cosmologia; tradução Jussara Trindade de Almeida. São Paulo, É Realizações, 2014.

NABUCO, Joaquim. Diários: 1873-1910 – Rio de Janeiro : Bem-Te-Vi; Recife : Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

TAUNAY, Visconde de. A Retirada de Laguna, 2ª edição – São Paulo : Martin Claret, 2013.

_____, Visconde de. Memórias, 1ª edição – São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

_____, Visconde de. Inocência, edição histórica – Campo Grande : Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

Álbum graphico do estado de Matto Grosso (E.E.U.U., do Brazil) / S. Cardoso Ayala, Feliciano Simon [prefácio] – Campo Grande : AGIOSUL ; São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Revista do Instituto histórico e geográfico de Mato Grosso, tomos XI e XII. Ano 1924.

Revista do Instituto histórico e geográfico de Mato Grosso, tomos LIX – LXII. Ano 1953 a 1954.

Revista do Instituto histórico e geográfico de Mato Grosso, tomos CIX – CX. Ano 1978.

Primeiro Estatuto do Colégio Pedro II

http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2015/historia_cp2/colleccao_leis_1838_parte2.66-101.pdf - acessado em 20/11/2018 às 21:25.